



Propostas para o DF em pauta

Correio Braziliense recebe candidatos ao GDF para uma sabatina sobre os temas mais urgentes da capital na próxima terça-feira. Saúde, segurança pública, educação e patrimônio estarão entre os assuntos abordados pelos profissionais do jornal

» MILA FERREIRA

D aqui a dois dias, o **Correio Braziliense** vai receber os candidatos ao Governo do Distrito Federal (GDF) para a tradicional sabatina, promovida pelo jornal em ano de eleições. O evento é a partir das 9h, no auditório da sede do jornal, com transmissão ao vivo no YouTube. Até o fechamento desta reportagem, estavam confirmados Celina Leão (PP), José Roberto Arruda (PSD), Kiko Caputo (Novo), Leandro Grass (PT), Paula Belmonte (PSDB), Samara Mineiro (UP) e Ricardo Cappelli (PSB). Os convites foram feitos a todos os candidatos aptos a participar da eleição para governador do DF.

A sabatina ocorre após o período das convenções partidárias, etapa em que os partidos definem, oficialmente, seus concorrentes. Agora, as legendas, federações e coligações têm até 15 de agosto para solicitar o registro das candidaturas na Justiça Eleitoral, conforme prevê o calendário.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A sabatina com os candidatos ao GDF segue o padrão da que aconteceu com os presidenciais

Os candidatos responderão às perguntas dos jornalistas do **Correio** durante uma hora. Nesse período, terão a oportunidade de apresentar

propostas de governo para diferentes temas de relevância para a população, como infraestrutura, mobilidade, saúde, educação, segurança pública,

desenvolvimento econômico, sustentabilidade e planejamento urbano.

As perguntas serão feitas pelos profissionais do jornal responsáveis

pela cobertura de diferentes temas relativos tanto à política quanto ao DF. A sabatina será no mesmo formato da que o jornal realizou com os candidatos à presidência da República, com os jornalistas no palco e o candidato ao centro. Os mediadores serão o editor de *Política, Economia e Brasil* do **Correio**, Carlos Alexandre de Souza; a editora de *Opinião* do jornal, Carmen Souza; além das colunistas Denise Rothenburg e Ana Maria Campos.

Mestre em ciência política pela Universidade de Brasília (UnB), Ariel Calmon ressaltou que as sabatinas são relevantes para que o eleitor possa avaliar melhor os candidatos. “O mais interessante das sabatinas é que elas colocam o candidato diante de perguntas que ele não controla completamente e que são pensadas para explorar questões específicas. Em um contexto de comunicação e mensagens cada vez mais cuidadosamente controladas pelos

candidatos, esses momentos oferecem ao eleitor mais elementos para comparar as alternativas e reduzir a incerteza”, frisou.

Cientista político e sócio da Hold Assessoria, André César destaca que as sabatinas são importantes no processo eleitoral. “A campanha não começou ainda, mas nós já vamos ter esse termômetro do que vão ser os debates. Dado o quadro que nós temos da disputa, a gente vai ter que estar estudando e olhando os candidatos. Não podemos descansar e deixar de olhar essa disputa do DF”, analisou.

“A partir disso, o que se coloca vai ser muito importante ainda mais quando você pensa na questão do BRB/Master. É uma oportunidade de entender como os candidatos vão trabalhar isso. Será um caso fundamental na eleição. Fatos novos podem interferir na eleição. Estes debates e reuniões públicas são muito importantes para o processo decisório do cidadão”, completou André.

LAZER

Último dia para aproveitar espetáculo de balões

» LETÍCIA MOUHAMAD

O céu da capital federal ganha cores, luzes e adrenalina com a etapa final do Festival de Esportes Aéreos (FEA Brasília 2026), que se despede hoje, no Eixo Cultural Ibero-Americano e no complexo da Torre Digital. Um dos momentos de maior

apelo do festival é a experiência dos voos cativos — nos quais 10 balões de ar quente sobem, presos por cordas, até cerca de 15 metros de altura. “A gente define essa altura devido às rajadas de vento. Os melhores horários para voar são bem cedinho ou no final da tarde, quando o calor e a ventania estão mais amenos”,

detalha o piloto Wilson Bittencourt, conhecido como Xuxa, que voa há duas décadas.

A engenheira florestal Maria Eduarda Curado, 28 anos, encanou a disputa de vagas na plataforma de ingressos para presentear a mãe, a professora aposentada Magda Celina Curado Martins, 67. “Somos companheiras

de aventura e de viagem”, contou Magda.

Após descer da estrutura, o entusiasmo das duas dobrou: Maria Eduarda destacou a vista panorâmica do Plano Piloto como o ponto alto do passeio. “No próximo passeio, queremos experimentar um voo livre de balão, sem as amarras no solo”, disse.



Mariana Campos/CB/D.A Press

A 15 metros de altura, vista de Brasília encanta os aventureiros



Candangos

JORGE HENRIQUE CARTAXO* | jorgehenrique.cartaxo@gmail.com
ESPECIAL PARA O CORREIO

Alcides da Rocha Miranda: arte, arquitetura e educação

A Casa Petrópolis, hoje museu da cidade e prestigiado centro cultural, fica na Avenida Ipiranga, no centro histórico de Petrópolis. Construída entre 1879 e 1894, o petit palais de arquitetura eclética e vitoriana sempre foi um dos encantos da cidade de Dom Pedro II. Depois de alguns anos na Europa, o arquiteto José Tavares Guerra construiu o seu “paraíso” no meio de um belo jardim projetado pelo botânico francês Auguste François-Marie Glaziou. Sim, aquele que integrou a Segunda Comissão Cruls (1894-1895) e indicou, com precisão, o local onde deveria ser erguida a barragem que daria origem ao hoje Lago Paranoá, em Brasília.

Foi no petit palais do avô materno que Alcides da Rocha Miranda, nascido em 1909 no Rio de Janeiro, passou a infância e a adolescência. Em 1925, agora morando com os pais no Rio de Janeiro, Alcides, então com 16 anos, matriculou-se na Escola Nacional de Belas Artes.

Os anos 1920, do século 20 — década da primeira maturidade de Alcides —, também conhecidos como os Anos Loucos, foram particularmente intrigantes nas artes, na cultura, no comportamento, no gosto, nas liberdades e, também, na desordem, no caos e na violência política. Em 1926, em Dessau, na Alemanha,

Walter Gropius projetou o icônico prédio da Staatliches Bauhaus (Casa Estatal de Construção). A revolucionária escola de arte e berço do que hoje chamamos de Modernismo na arquitetura e no design. Em Paris, Pablo Picasso, Ernest Hemingway, Coco Chanel inquietavam os cafés. Nos EUA, o jazz; Luís Buñuel, na Espanha; Sergei Eisenstein, na URSS... e tantos outros.

No Brasil, em 1922, no Theatro Municipal, a Semana de Arte Moderna sinalizou o caminhar de uma nova arte no país. Em 1924, a Coluna Prestes adentrou os sertões da pátria numa marcha épica. Em 1928, o ucraniano Gregori Warchavchik inaugurou a Casa Modernista da Rua Santa Cruz, em São Paulo. Em 1929, Le Corbusier faz a sua primeira visita ao Brasil e suas famosas conferências no Rio e em São Paulo. A década terminaria com a Revolução de 1930, que entronizou Getúlio Vargas no Palácio do Catete.

Quando concluiu o seu curso de arquitetura da ENBA, em 1932, Alcides já havia conversado, longamente, com Le Corbusier, em 1929; acompanhando a gestão revolucionária e tensa de Lucio Costa na direção da Escola Nacional de Belas Artes, em 1931; e trabalhava, como arquiteto, no escritório do calculista da equipe de Lucio Costa, Emilio Enrique Baumgart.

Acervo pessoal



Alcides e Lucio (Rio de Janeiro, década de 1980)

Nas décadas de 1930 e 1940, o arquiteto, que sempre foi antes de tudo um artista, privilegiou suas atividades nas artes plásticas e nos estudos acadêmicos. Em 1933, integrou a equipe que realizou o 1º Salão de Arquitetura Tropical. Também em 1933 fez parte da coordenação da revista *Base* (periódico sobre arquitetura e engenharia). Em 1935, matriculou-se no curso de filosofia da Universidade do Distrito Federal, recém-criada por Anísio Teixeira. Até o fim da década de 1940, Alcides ingressa no Sphan — hoje Iphan — e compõe a plêiade de intelectuais convocados por Melo Franco. Em pouco tempo, ele já estava envolvido com o tombamento e a preservação de Ouro Preto, Tiradentes, a Região do Serro, Paraty, Diamantina e uma miríade de igrejas e prédios em Minas, no Rio e em São Paulo.

Depois da sua rápida passagem por São Paulo, como professor da USP, Alcides sugere a Rodrigo de Melo Franco a criação de uma representação do Sphan em Brasília, já próxima da sua inauguração. Em 1959, agora em Brasília e integrado também ao grupo de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Ciro dos Anjos e Vitor Nunes Leal, ele participa do núcleo central de planejamento, organização, construção e fundação da Universidade de Brasília. Faz gestões junto ao então ministro da Educação, Clóvis Salgado, no sentido de assegurar a edificação do Campus da UnB dentro do Plano Piloto, proposta que sofria resistência de Israel Pinheiro. Aprovado pelo Congresso o Projeto de Lei que criava a UnB, em 1961, Alcides iniciou a edificação da universidade: projetou e construiu a Faculdade de Educação (que abriga o auditório Dois Candangos, obras icônicas).

Quando o presidente João Goulart inaugurou a UnB, no dia 21 de abril de 1962, o Instituto Central de Artes, projeto de Alcides, estava devidamente pronto, assim como a Faculdade de Arquitetura. O ICA tinha como objetivo precípuo oferecer aos estudantes da UnB e à população de Brasília o diálogo com a arte, a produção artística e a estética. “O encontro com Alcides foi para mim uma das boas coisas que Brasília me deu. Eu já o conhecia aqui no Rio como arquiteto, autor de obras de muita qualidade. Fazendo a universidade, encontrei um artista evidente”, disse Darcy Ribeiro sobre Alcides da Rocha Miranda.

Vivia-se um grande entusiasmo, naquele momento, em Brasília com a construção da UnB. Alcides trouxe para o ICA o que havia de melhor na cidade: Athos Bulcão, Paulo Emilio Salles Gomes, Cláudio Santoro, Luiz Humberto, Régis Duprat, Ferreira Gullar, Marília Rodrigues, Alfredo Ceschiatti, Glênio Bianchetti, Paulo Martins... uma equipe de rara qualidade! Música, cinema, designer, movelaria, desenho, pintura integravam o cotidiano daquele momento único da UnB. Na manhã do dia 9 de abril de 1964 tudo ruiu. Os militares invadiram a universidade atingindo o coração da nova Civita e Urbs, ainda em construção, a nossa Brasília.

No início da década de 1970, ele volta para o Rio e constrói um novo projeto: vai revitalizar prédios antigos e edificar novas construções, quando necessárias, em sítios históricos. Assim, ele se divide entre o Rio e Minas Gerais até a década de 1980. Não são poucos os estudos, teses e ensaios sobre o modernismo no Brasil que tratam, direta ou indiretamente, da vida acadêmica e artística de Rocha Miranda. Dentre eles, pelo menos um não podemos deixar de lembrar aqui: o belo e rico texto de Lelia Coelho Frota, Alcides Rocha Miranda — caminho de um Arquiteto. Ele faleceu no Rio de Janeiro no dia 22 de outubro de 2001, aos 92 anos.

Jorge Henrique Cartaxo é jornalista, mestre em história pela Universidade Paris-Sorbonne